

Folha n.º 172-3-4-

MANHÃ

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

ESCRITORIO: RUA DO PRINCIPE, N. 23

Anno I

Assignat. por meez 500 rs

Publicação semanal

Desterro, 25 de Abril de 1886

Num. 35

Pagamento adiantado

Toda e qualquer correspondencia seja dirigida ao nosso escriptorio, acima mencionado.

AVISO

A's pessoas que se acham em atrazo com as suas mensalidades rogamos o especial obsequio de satisfazer-nos pois que, desde a muito, está-se procedendo à cobrança.

De hoje avante passamos a direcção de nosso jornal a uma associação, cuja solidez e perseverança serão o escudo a quaesquer reveses que se antepoñham a—*Manhã*.—

A DIRECÇÃO.

Errata

Além de algumas pequenas treças de letras, que deixamos de mencionar, por serem palpaveis, notaremos, porém, o seguinte:

No artigo do Sr. H. Berlink, à pagina 2ª, periodo 4º, lêa-se—*Sim, não é possível deixar de dizer-se que etc.*, em lugar de—*Sim, não é possível dizer-se que etc.*

COLLABORAÇÃO

Amigo R^o., a tua *Manhã* merece todas as sympathias, merece um sincero—avante!

Desde que ella transpoz as portas do dia, bati palmas, contente, risinho, antevendo-lhe

nos claros da minha alegria, um futuro largo e feliz.

Confia da a tua direcção e ornada d'um caracter sério, moralizado e energico, a *Manhã* assentou a sua tenda nos grandes salões da litteratura moderna.

— Que seja-lhe glorioso o nome que ella firmou, e que, meu amigo, a tua constancia não enfraqueça nos saiaes do indifferentismo em que, entre beijos, se abraçam mór parte dos nossos conterraneos. Procura conservar sempre accessa a tua dedicação, invencivel o teu amor á estas emprezas, tão invencivel como o do valente soldado portuguez Graça Sirech, a

sina de as guerras peninsulares nos annos de 1809, 1810, etc.

Sómente esse sentimento nobre fizera-lhe esquecer a nação a que pertencia essa Rosina, e com a qual Portugal feria sanguinolentos combates, repellindo a audacia da França em querer préggar a sua victoria n'esse velho e illustre territorio portuguez.

Se os «Caixeiro», «Estudante», «Lanterna» e «Mercurio» possuíssem representantes de dedicação tão solida como a tua, não vel-os-hiamos, por certo, morrerem no primeiro quartel da vida.

Não nos admira tanto a mor-

te dos tres primeiros periodicos como a do «Mercurio» que dispunha do valioso concurso da digna classe caixeiral, da qual era organ, e tinha á frente da sua redacção o talentoso Lydio, e como directores os amaveis—Viegas e José Candido.

Desejavamos saber a causa que arrastou á morte este jornal; não porque queiramos affrogar a sua memoria, mas, sim, para satisfazer a nossa curiosidade.

O Lydio, provavelmente, virá a imprensa, com toda a sua eloquencia, explicar-nos o porquê d'esse enigma.

Que venha, que dar-lhe-hemos toda a attenção e respeito. Somos-lhe muito amigo, embora elle não seja nosso.

Enquanto ao desapparecimento dos tres primeiros, a cima mencionado, que precederam ao *Mercurio*, attribuímos ao indifferentismo dos nossos conterraneos.

Maus!...

Ridiculo papel representaram nessa batalha litteraria a que elles concorreram cheios de e, os nossos jovens estudantes, aos quaes cabia-lhes o dever de protegê-los, attento ao caracter jefnalistico que elle, professava. Não valeu a pena elles baterem ás portas do dia!...

A' historia da nossa mocidade sombrea, pois, esse peccado immortal, tão pezado como o

desdourante epitheto que beija a face da provincia: — Ilha dos casos raros. —

Romualdo

A Idéa Nova

N'estes ultimos tempos, fala-se muito e grita-se muito sobre a *Idéa Nova*, nos becos, nas ruas, nas praças, nos cafés, nas lojas, nos hoteis, nas boticas, por toda parte.

Mas o que é a *Idéa Nova*?
—E' a *Idéa Nova*!

Eis a resposta que sóem dar os taes originaes, como já um dia com muita graça o disse um amigo meu.

Que encontro em nos poetas da *Idéa Nova*?

Pensamentos desconnexos, forma tosca, versos errados, languidos, monotonos, duros, cacophonicos; incorrecção, impropriedade e impureza de linguagem; o abuso do neologismo levado ao maior excesso; louvores ultra-hyperbolicos e immercedos, censuras acerrimas e injustissimas, o mais grosseiro e sordido exclusivismo; chusmas de adjectivos e adverbios dando-se encontrões; inchados gongorismos, phraseologia peregrina e bombastica.

Mas tudo isto é velho, e muito velho: vede uma das provas na *Phénix Renascida*, satirizada por

Tolentino

Pergunte-me que o poeta realista, sob o pretexto de encarnar idéas claras e precisas em uma forma correcta, concisa, harmonica, não deve alterar o merito acima da realidade; não deve afirmar o negro no cysne, nem o alvo no corvo: a realidade é o que é.

Mais.

Entendo, tambem (e muitos comigo), que o realista, como a palavra o accusa, não deve usar de um vocabulario innovado, sem necessidade, contra o genio da lingua; deve exprimir o real em uma lingua real, não em vocabellos phantasiados, que bem poucos entendem.

Ainda mais.

O realista, si é homem do progresso, não pôde afastar-se do

ideal do progresso humano: — a verdade, o bello e o bem.

Será poeta da verdade o que eleva nullidades e abate genios?

Será poeta do bello o cantor exclusivista do lodo, das fezes, da crapula e da podridão?

Será poeta do bem o que apunhala o coração da moral, mentindo, calumniando, deprimindo, corrompendo?

Vou raciocinar com toda a calma e isenção de animo.

Em qualquer genero poetico temos a considerar as tres seguintes cousas, ou uma d'ellas: — narração, descripção, sentença.

O poeta realista deve narrar factos reaes, descrever factos reaes, com palavras adequadas, com as suas côres proprias, e enunciar sentenças reaes, isto é, verdadeiras e de utilidade real.

O realismo é uma consequencia do positivismo.

Com effeito, a poesia acompanha, naturalmente, o movimento scientifico.

Ora o positivismo, como se pôde ver no *Ensaio da Escola Positiva*, do Sr. Miguel Lemos, bem como na *Historia Universal por C. Cantu, Reformada, vol. 20º, pag. 460*, não desacata a religião: tanto respeito o catholicismo, que no seu calendario ha mezes com os seguintes nomes: Moysés, S. Paulo, etc.

A escola positiva não é atheista; ella só admitta que Deus, o incomprehensivel, o incognoscivel, não é do dominio da sciencia, enja aspiração é precisamente *saber*.

A escola positiva só se occupa dos comos, dos quês, paraquês e porquês secundarios, não pondo a mira na causa primaria.

Consequentemente, não é ser realista o arrojor improprios á religião, prégar o atheismo e perverter a mocidade.

O positivismo muito se preoccupa com a educação da infancia, como se verifica assim no celebre Comte como no tam decantado Spencer: tende á realisação do apl. rismo — *Mens sana in corpore sano*.

O positivismo crê na perfectibilidade humana, e, por isso, reco-

hece que o mundo tem marchado.

Mas os falsos realistas se veem o lado máo das cousas; elles são verdadeiramente pessimistas: veem a enfermidade, não a saúde; veem as trevas, não a luz; veem o mal, não o bem; veem o alconce, não o lar !..

Si, porém, a sociedade tanto se tem degradado sob os aspectos physico, intellectual e moral, que não se conta um craneo bem constituido, uma intelligencia bem desenvolvida, um varão de probidade, uma familia honesta, onde está, pois, a lei do progresso humano, onde a perfectibilidade do rei da criação?

Direis, porém, que sois vós os unicos possuidores do fogo sagrado?

Seja assim.

Mas, então, porque não allumais? porque não aqueceis? porque não ensinais? porque não corrigis?

O mal é conhecido muito velho, já o disse alguém; é tempo de — estudarem os processos concernentes a esse fim, mas não de pintal-o e cotul-o, com magico pincel, aquelles que o veem face a face, e que, por consequencia, não precisam da fallida imagem dos vossos escriptos !..

Que é feito dos fundamentos da lei suprema da moral?

Da liberdade de pensamento toda a amplitude que quizerdes; mas vede a que liberdade de pensar não é liberdade de insultar, de escandalizar, de corromper, de prostituir !..

A liberdade de pensamento consiste em abraçar este ou aquelle partido, esta ou aquella escola scientifica ou litteraria, esta ou aquella seita, esta ou aquella doutrina, esta ou aquella crença.

NOTICIARIO

Caixa de Beneficencia dos Empregados do Commercio

Apezar de não termos sido obsequiados com um convite para assistirmos a sessão de domingo ultimo, 18 do corrente, consta-

MUTILADO

entre nós o Illm. Sr. Frederico Sattamini, professor pelo Conselho de Instrucção Publica da Côrte, que, pretendendo fixar sua residencia n'esta capital, vem leccionar 1^{as} letras, como ainda todas as materias preparatorias.

Recommendo se este Sr. não só por suas vastas habilitações como ainda pela longa pratica que tem do ensino secundario e primario, apresentavel-o, pois, a esperancosa classe-estudante, que muito terá a ganhar, tendo como professor ao Sr. Frederico Sattamini.

Album de homens illustres

BARÃO DA LAGUNA

Desventurada terra!
Viste cair por terra uma das tuas mais elevadas gloria!
Nasceu e viveu para ti que sempre lhe foste a patria muito amada. Quando o severo escriptor houver de delinear, mesmo em rapidos traços, a tua historia, o nome do B. da Laguna ha de oc-

Eu, 1876 foi nomeado presidente d'esta Provincia e, pelas sympathias que inspirou e pelos serviços que prestou a ella, foi em 1881, pelo primeiro districto, eleito Deputado á Assembléa Geral, cargo que actualmente desempenha com inexcédivel energia e reconhecido talento.

Tem prestado relevantes serviços ao Paiz, continuando ainda a prestal-os.

Nós, catharinenses, muito temos a esperar de sua reconhecida illustração e de seus extraordinarios esforços.

Desterro, 14 de Março de 1884.

JOÃO MARIA DUARTE

TAUNAY!

Contemplai-o!

Dirigi vossas vistas para esta frente ampla e soberba e alli vereis irradiando um mundo de sabedoria sem fim.

Olhai-o!

E descobrireis n'este porte grave e nobre, n'este olhar firme, intelligente e bondadoso—o Rei da litteratura, o Rei da Harmonia, o Orador, o Estadista, o bravo Guerreiro sob o immortal nome:

Alfred d'Eschagnolle Taunay.

Visse o Duclon e mais uma vez exclamaria, como?—referindo-se a Molière:

Encore une fois je le trouve grand.

Desterro, 4-9-8.

FAUST WEBNER.

LORD BYRON

Por entre alas de heróes d'antiguidade
Outro heróe se dirige ao Parthenon,
Caminha a disposar a liberdade
Levando da morte a vida—Lord Byron.

A patria das nevoas—a mãe de Millaou
Vê o filho marchar á eternidade;
Honra, riqueza, lyra e mocidade
Offerece á Grecia o jóven d'Albion

Levanta a tenda: a rota da romagem
Mudou o vate subindo á excelsa gloria.
E a patria ingrata tributa-lhe homenagem.

Triumpho o genio d'eternal memoria
—Em outra esfera subindo—á outra margem
Deixa um marco immortal—a voz da historia

Desterro, 10-12-83.

JOSE D. DOS SANTOS.

N. R.—Achando-se ainda em branco os retratos dos Catharinenses Silva Mafra, João Coutinho e Dr. Mello e desejando não interromper o que encetamos, vem-nos na necessidade de passar agora á ordem em que se acham os escriptos dos albums á cima, deixando para mais tarde a publicação do que se escrever ao lado d'elles nossos illustres patricios.

Das pinhos

Apezar do cuidado que presidió á revisão do ultimo n. desta folha, passaram dous grandes *pasteis*, enrolados nos meus primeiros *cava pinhos*.

Por certo que os leitores-assignantes soffreram, com isso, algum desarranjo no estomago!

Coitados!..

E o caso não era para menos.

A ingestão de *pasteis*, quando pela manhã, antes que se tenha tomado uma canequita de café, desvia os órgãos digestivos das suas funcções precisas e reguladoras.

Elles, porém, que não me emprestem a culpa d'essa *levandade*.

Escrevi intelligivelmente no respectivo autographo:—espelhasse, indigestões—o não—espalhasse, indigestões etc...

Não sou, portanto, o manipulador dos *pasteis* que feram causa dos leitores verem-se em *papoz de uranha* pela força de terribilissimas contradanzas nos intesti-

Entretanto, aconselho-lhes, no-
va ingestão, mas esta que conste
de... *maguezia, ricino, ou pilulas*
de Haul.

Quando fallo em magnezia, não
se pense que alludo ao *Magnezia*
da pharmacia do Pires; não!

Que fique em paz, lá junto ás
cataplasmas e cozimentos, esse
pobre moço, que tantas vezes
tem annuciado a *infallibilida-*
de do Cajurubeba, ou a supe-
rioridade da cerveja Carl Berg,
trazendo os respectivos cartazes
pregados no paletot, pelo lado
opposto do abdomen.

Camadas de miasmas infectam
a athmosphera; a febre amarella
prösegue na tarefa fatal de, com
toda a sem-ceremonia, mudar a
geite da terra do imbuste para o
mundo da verdade, por isso acho
conveniente que tenhamos o es-
tomago preparado de modo a re-
agir com a impetuosidade d'esse
flagello que tem desorientado a
população!

Que não venha a... o facto
do presidente... a affir-
mativa de que... febre
amarella alguma;... febre
olhos aos attestados...
que, dizem, em... de obitos
d'essa enfermidade, tem-se dia-
gnosticado — congestão cerebral.

De maneira que a epidemia rei-
nante é de... congestões!

Ora bolas...

Agora um *cabaco* sobre a reu-
nião que foi sollicitada pela *Rege-*
neração de domingo ultimo e que
teve lugar nos salões da *republica*
do João Salles.

Quatorze pessoas apenas esti-
veram presentes, quando tratava-
se da discussão e approvação dos
estatutos que devem reger a—
Caixa dos Empregados do Com-
mercio—!...

E no entanto é superior a cem
o número dos caixeiros do com-
mercio d'esta capital.

Mas não se gaste tempo, capi-
tal precioso, em autopeniar essa
malicia, em combater esse des-

do
just
ros
fim a
de benefi

Portanto
uma linha.

E appare-
me-se um cig
para, de resas
josamente,
circumstanc
volosito que
cosmopolita,
mez que corre.

Nada de *pannos quentes*: en-
re-se a cousa sob um pontô de
vista seguro, sob um prisma que
não seja enganador, e ter-se-á
como a *linha recta da nessa sen-*
satez não perde a sua inteireza
geometrica.

Diga-se francamente:—o direc-
tor do *circo* mostrou-se pouco de-
licado perante o povo desterrense.
porque a verdade do asserto ob-
tem garantia nas seguintes inter-
rogações:

Quem o culpado de, apesar dos
reclames que o respectivo palhaço
andou a fazer pelas ruas, o *circo*
não conseguir uma enchente real,
n'essa noite?

Quem authorison ao Sr. Hilario
de tal, director, a chamar a si o
direito de applausos, quando, ape-
zar de reputal-os maravilhosos,
os trabalhos da sua companhia
como tudo que toca á gymnastica
acrobatica, facetica, etc., etc., não
vai além de... *capa ferrujada?*

Ninguém, indubitavelmente.

Por conseguinte um *cavaqui-*
nho sobre o caso.

Ora, si esse director esqueceu-
se hontem, ei lhe faço lembrar
hoje—que todo o individuo que
permutou uma moeda—papel por
um cartão que lhe permittia as-
sistir a esse espectáculo publico,
teve ingresso no *circo* levando
comsigo dous lireitos:—o dever

para apreciar o...
verdadeiro e completo...
pretendia, com a sua *logica*, ar-
remessar impunemente um di-
ploma de ignorancia á nossa so-
ciedade,—é justo confessar-se que
os auctores da *vaia* de que foi alvo
o alludido director, serviram re-
ligiosamente aos deveres de bons
cidadãos, visto como varreram
a *testada* que vinha directamente
ferir-nos os brios de povo condes-
cendente e civilizado.

Portanto, chega de razoabilida-
des em apoio d'esses individuos,
porque, no que toca ao facto ex-
posto, fica de pé e distanciado de
inectivas o caracter d'elles.

Quem, porém, não servio aos
deveres de artista que pede a pró-
tecção publica, e, por isso, mere-
cia, em acto immediato ao seu
disparate, um reparo muito ener-
gico e solemne, foi o Sr. H. de
Almeida.

Melhor, muito melhor, do que
seu—*bom*—temos nós espectado
em tocar ás cordas da admiração,
por isso, já que não nos foi dado
ao *circo* *applau'il-o*, despeja-
mos-lhe sobre a cabeça este *cesto*
de cavaquinhos.

E... *viva la patria*

CORNELIUS.

TYP. DO «JORN. DO COMMERCIO»

MUTILADO